

Narrativas e representações de um ideário educacional na escrita de viagem de educador brasileiro (1925-1927)*

Silmara de Fatima Cardoso**
Universidade Estado do Rio de Janeiro

Recibido: 12 de mayo de 2013

Aceptado: 15 de julio de 2013

Narrativas y representaciones de un ideario educativo en los escritos de viaje de un educador brasileño (1925-1927)

Palabras clave:

Viaje de la Educación,
documentos de viaje,
Anísio Teixeira, modelo educativo.

Resumen

La intención de este artículo consistió en analizar las narrativas y representaciones de un modelo educativo considerado ideal en la escritura de viajes de Anísio Teixeira, y entender las apropiaciones de este modelo educativo que fueron hechas por Anísio en su camino por la educación pública. Se utilizaron como fuente de estudio dos diarios y una relatoría, que fueron productos de sus viajes a Europa en 1925 y a Estados Unidos en 1927. Anísio realizó estos viajes con el propósito de conocer y estudiar los modelos de enseñanza y las prácticas educativas estimaron innovadoras.

Key words:

Educational trip,
travel papers, Anísio Teixeira,
educational model.

Abstract

This paper aims to analyze and understand narratives and representations of an educational writing model considered as ideal based on Anísio Teixeira public education experience. Two newspapers and a report based on Anísio's trips to Europe and United States in 1925 and 1927 respectively, were used as study tool to know and study the educational model and practices considered as innovative.

Referencia de este artículo (APA): Cardoso, S. F. (2013). Narrativas e representações de um ideário educacional na escrita de viagem de educador brasileiro (1925-1927). En Revista *Educación y Humanismo*, 15(25), 14-28.

* O presente texto é fruto de minha dissertação de mestrado desenvolvida e defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo sob o título "Viajar é Inventar o Futuro": narrativas de formação e o ideário educacional brasileiro nos diários e relatório de Anísio Teixeira em viagem à Europa e aos Estados Unidos (1925-1927).

** Doutoranda em educação - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Linha de Pesquisa: História da Educação e Historiografia. Desenvolve o projeto de pesquisa sob o título: "Circulação de modelos pedagógicos e práticas educativas estrangeiras: experiências de educadores brasileiros no além-mar", financiado pela FAPESP, sob a orientação da Profª Drª Dislane Zerbinatti Moraes.

Silmara Cardoso possui mestrado em educação pela Universidade de São Paulo (2011) e graduação em pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2006). Atuou na área da educação pública como professora de Educação Básica e Orientadora Educacional. sfcardoso2011@hotmail.com



Considerações iniciais

O presente artigo tem por pretensão analisar as narrativas e representações de um modelo educacional considerado como ideal na escrita de viagem de Anísio Teixeira, e procurar compreender como Anísio se apropriou desse modelo educacional no seu percurso pela educação pública. Para tanto, utilizo como fonte de estudo dois diários e um relatório que foram produtos de suas viagens. Anísio Teixeira quando ocupava o cargo de Diretor Geral de Instrução Pública da Bahia em 1925 obteve permissão do governador Francisco Marques de Góes Calmon para acompanhar D. Augusto nas comemorações do Ano Santo em Roma. Anísio aproveita sua viagem de peregrinação para conhecer instituições educativas europeias. A viagem ao Novo Mundo em 1927 é de caráter oficial. Anísio havia sido designado pelo governador da Bahia para ir aos Estados Unidos da América observar os métodos de ensino e as instituições de educação que poderiam vir a ser implantadas de um modo parecido no estado baiano.

Levando em conta o objetivo proposto, este texto será desenvolvido em quatro tópicos. Primeiramente procuro tratar das viagens de Anísio Teixeira. Em seguida a reflexão volta-se a sua produção escrita, os diários e o relatório. Logo então me proponho a analisar o ideário educacional defendido por Anísio Teixeira, ou seja, um modelo de educação considerado eficaz e capaz de reverter o atraso educacional brasileiro. E por final busco compreender de que forma Anísio se apropriou desse modelo de educação conhecido em terras estrangeiras.

O referencial teórico metodológico que serve de suporte a este trabalho encontra-se delimitado em um modelo de educação em perspectiva transnacional e se apoia nas viagens pedagógicas para analisar a difusão mundial desse modelo. Para tanto, três obras são referências: *Viagens Pedagógicas* (2007) organizada por Ana Chrystina Venancio Mignot e José Gonçalves Gondra, *Formas de externalização no conhecimento educacional* (2001) de Jürgen Schriewer e *A difusão mundial da escola* (2000) de António Nóvoa e Jürgen Schriewer (Eds.).

A obra *Viagens pedagógicas* ajuda a compreender e a situar as viagens de Anísio Teixeira em um movimento mais amplo. Nos séculos XIX e XX os sujeitos envolvidos com as questões educacionais buscarem em países estrangeiros o que havia de mais avançado em termos de educação para serem aplicados em seus países de origem. A obra *Formas de externalização no conhecimento educacional* por sua vez, nos ajuda a entender que os saberes e projetos educacionais referenciais apropriados por Anísio foram desmontados e depois incorporados no seu discurso acabando por configurar discursos híbridos (Schriewer, 2001) sobre a educação. A obra *A difusão mundial da escola* permiti-nos refletir que a busca por modelos educacionais em países estrangeiros seguiu em parte uma perspectiva de educação comparada. Anísio Teixeira entrou em contato com outras experiências mediando conhecimentos e saberes educacionais entre Brasil, Europa e Estados Unidos, seguindo assim, uma perspectiva de educação comparada.

A escolha da temática do presente trabalho se justifica na medida em que os estudos historiográficos têm voltado o seu interesse nas pesquisas sobre viagens e os escritos produzidos pelos viajantes, os quais contemplam discursos, representações e imagens da sociedade, da cultura, da educação, da religião, dos costumes, dos valores, ideias. A partir de comparações os sujeitos viajantes aproximam e distanciam diferentes realidades, adotam posturas e assumem posições.

Este trabalho pretende contribuir na reflexão de apropriações e possíveis leituras de um modelo de ensino estrangeiro na formação e atuação de Anísio Teixeira no seu percurso pela educação pública, e ainda, dar visibilidade às ações concretas e modos de compreendê-las próprio de Anísio desse modelo educativo considerado referencial.

Anísio Teixeira: um viajante brasileiro no além-mar

Anísio Teixeira fez parte de uma geração de educadores/intelectuais, que, se auto-representando como uma elite, que deveria influir e gerir a educação para a transformação e desenvolvimento do país, viajaram a outros países com o intuito de estudarem, se especializarem e conhecerem de perto a realidade de lugares considerados como mais “civilizados”, referências em matéria de educação. Essa geração de educadores viajantes acreditavam que os modelos de educação estrangeiros –em um primeiro momento o europeu e depois o norte-americano– seriam vitoriosos no Brasil. Estes, de fato, acabaram por

servir de referência para organizar o campo educacional.

A preocupação reformista, o interesse dos reformadores pela educação, conforme Viñao (2007) seria uma das motivações mais frequentes de quem desde a França, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos e outros países, viajaram com o objetivo de conhecer, estudar e se informar sobre seus sistemas educativos –isso de modo exclusivo– além de outros aspectos: sociais, econômicos, políticos, etc.

Conhecer *in loco* experiências culturais, sociais, educacionais ou políticas de um país concede ao viajante um lugar de autoridade, sendo-lhe permitido falar, escrever e comparar o *visto, o ouvido e o vivido* (Viñao, 2000). Assim, no Brasil e no mundo, inúmeros viajantes viram nas viagens pedagógicas o meio de aprender com os países sobre o que estavam desenvolvendo de mais moderno em matéria de difusão, métodos e organização do ensino.

A iniciativa das viagens de estudos aconteceu ainda no decorrer do Império e continuou com o início da República (Schuller, 2007), pois há o empenho por parte daqueles que pensaram na modernização do país em fundação de escolas e organização de sociedades destinadas a propagar a instrução popular. Essa geração concentra seu interesse de modernização em iniciativas e inovações pedagógicas que vinham de países estrangeiros, imprimindo um novo perfil à instrução pública brasileira (Carvalho, 2011). Assim,

no Brasil, como também em outros países houve uma busca por operar mudanças na educação nacional, tomando como parâmetro experiências realizadas no estrangeiro.

Nos últimos anos, diz Mignot e Gondra (2007), o intercâmbio crescente entre os historiadores da educação tem permitido observar que as viagens foram realizadas por educadores do Brasil, da Espanha, de Portugal, da França, Alemanha, Suíça, Bélgica, Japão e de muitos outros países. Os sujeitos se deslocaram a lugares próximos ou distantes com a mesma finalidade, aprender com o “outro”. É dessa forma que nos séculos XIX e XX, inspetores de ensino, diretores, professores e mesmo os engenheiros, médicos e políticos envolvidos com projetos educacionais foram em busca dos “códigos da civilização”. De uma viagem, esses sujeitos voltavam mais sábios e experientes ampliando o seu universo cultural, intelectual e educacional.

A circulação de ideias sobre os saberes educacionais seguiu as relações de poder entre espaços referidos como modelares e outros como atrasados. Alguns países eram tomados como exemplos, outros não. O que Schriewer (2001) reconhece como a constituição das sociedades de referência. A lógica da expansão da escola moderna pelo mundo classificou os países ora como exemplos de modernidade a serem seguidos, ora como grupos a quem coube aprender como organizar os seus sistemas de ensino a partir das lições oferecidas pelos países mais desenvolvidos.

Conhecer de perto a realidade de lugares considerados como referências em matéria de difusão, métodos e organização do ensino, poderia significar a apropriação de experiências e instrumentos para o enfrentamento das dificuldades que os educadores encontravam para realizar nos seus países de origem uma reforma educacional. A busca por modelos mais desenvolvidos de educação parecia assegurar um grau de legitimidade respeitável ao país que os implantavam, gerando condições de igualdade educacional. Foi nessa lógica que Anísio Teixeira procurando reverter o atraso do ensino público brasileiro buscou em países estrangeiros um modelo de educação considerado referencial.

Esse viajante percorreu “mundos”, se deslocando a diferentes países por razões diversificadas. No entanto, foram às viagens de 1925 à Europa e aos Estados Unidos em 1927 que permitiram a ele conhecer modelos pedagógicos e práticas educativas que poderiam servir de referência à educação brasileira, pois essas viagens tinham como propósito conhecer e estudar um modelo de educação considerado como inovador e moderno.

Assim, Anísio partiu a países estrangeiros com a intenção de observar, analisar, divulgar, comparar, propor e prescrever. Não apenas leu ou ouviu, mas teve o privilégio de ver o “real”. Atuando como mediador cultural (Shriewer, 2001) pode ocupar as cátedras universitárias, as páginas dos jornais, das revistas, todos esses espaços privilegiados para a formação de opinião e

para a elaboração de projetos visando à renovação cultural e educacional do seu país. Ele ainda assumiu importantes cargos na área político-educacional: 1931 – Diretor Geral da Instrução Pública no Distrito Federal; 1935 – Reitor da Universidade do Distrito Federal; 1946 – Consultor de Educação da UNESCO; 1947 – Secretário de Educação da Bahia; 1951 – Secretário Geral da Companhia de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior – CAPES; 1952 – Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – INEP; 1963 – Reitor da Universidade de Brasília (UNB), com o golpe de 64, foi afastado do cargo, indo para os Estados Unidos, lecionar nas universidades de Columbia e da Califórnia, voltou ao Brasil em 1965 e no ano seguinte, tornou-se consultor da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Em 11 de março de 1971, morre de modo misterioso, seu corpo foi encontrado no poço do elevador de um edifício no começo da Avenida Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

Diários e relatório de viagem: razões e sentidos de produção de uma escrita

Anísio foi um viajante que se valeu da escrita para registrar os acontecimentos de suas viagens. Ele produziu dois diários e um relatório de observações escolares. O diário produzido em viagem à Europa em 1925 contém 56 folhas em papel timbrado *Nordentscher Lloyd Bremen Na Bord des D. Sierra Morena e S.S Gelria*. O diário produzido em viagem aos Estados Unidos em 1927 contém 52 folhas em papel timbrado *Munson Steamship Lines*. Essa documentação está localizada no seu arquivo pessoal sob a guarda

do CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro) e é classificada como “Anotações de viagem”. Alguns autores como Nunes (2000), Mignot e Gondra (2006) e Carvalho (2003) classificam como “diário de viagem” ou “diário de bordo”.

A escrita dos diários é fragmentada e descontínua; os assuntos, necessariamente, não estão interligados. A escrita foi produzida em folhas avulsas/soltas, apresentando marcas da oralidade – rasuras, abreviações, elementos metafóricos e subjetivos, condições de uma escrita mais informal. Isso se justifica pelo fato de ser o escritor, primeiramente, o seu único leitor. Uma característica que nos chama atenção nessa escrita é que alguns assuntos são abordados na forma de ensaio. Anísio defende ou nega determinada posição, sem, contudo, apoiar-se na pesquisa empírica ou bibliográfica. Os temas tratados são variados: as cidades europeias, a humanidade, o homem moderno, a guerra, os sujeitos americanos, regimes políticos, democracia, educação, religião católica, os livros *May Life and Work* de Henry For e *Os exercícios espirituais* de Inácio de Loyola.

O ensaio consiste na defesa de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre um tema (educacional, filosófico, político, social, cultural, moral, comportamental, literário). Apesar de ser uma escrita mais livre, não dispensa o rigor lógico e coerência de argumentação, e por isso mesmo exige grande informação cultural e muita

maturidade intelectual. Além dos temas desenvolvidos em forma de ensaio, o viajante tratou nos seus diários dos propósitos e experiências de suas viagens. Ele escreveu ainda para desabafar, extravasar seus sentimentos, amenizar suas saudades, suas angústias, sua solidão, anotar impressões, expectativas, mostrar pensamentos, expressar emoções, organizar ideias, elaborar diferenças, expor dúvidas, fazer comparações, reflexões e questionamentos.

Já o relatório que foi um produto da viagem aos Estados Unidos, produz uma compreensão, conta uma história ficcional, científica, pedagógica. É um objeto de circulação de ideias, representações, divulgação, instauração de determinado padrão de escola, de ensino, de professor e de aluno. Veicula discursos, principalmente o pedagógico, que institucionalizado e racional tem como função transmitir informações e legitimar uma verdade. É um discurso competente, pois segundo Marilena Chauí (1982) pode ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro e autorizado.

Esse documento foi resultado de uma pesquisa, de um trabalho de observação, por isso a escrita é mais objetiva. Foi produzido com uma intencionalidade e para ser publicizado. Anísio pretendia compartilhar experiências, valorizar, afirmar, projetar, difundir iniciativas de um modelo educativo e fortalecer o movimento escolanovista. Ele apresenta transformações educacionais e uma nova cultura escolar compartilhada mundialmente. Traz à tona – mesmo que seja

do seu ponto de vista – características dos espaços escolares, métodos educativos, programas escolares, formas de ser dos professores e alunos valorizados naquele momento.

Publicado pela tipografia São Francisco da Bahia/Salvador sob o título geral de *Aspectos Americanos de educação*, o relatório teve duas edições no ano 1928. Contém 166 páginas, possui capa, contracapa, páginas, índice, notas, capítulos e imagens referentes aos aspectos físicos das escolas americanas, os sujeitos em situações de aprendizagens, objetos didáticos construídos pelos alunos e situações do dia a dia escolar. Essas imagens vêm com legendas explicativas visando reforçar as ideias contidas no texto, ou seja, um modelo de educação ideal. Está dividido em duas partes. A primeira parte traz o título “Fundamentos de Educação” e apresenta quatro capítulos: I – *Sentido actual de Educação*, II – *Educação e Democracia*, III – *Do Methodo em Educação*, IV – *A Reconstrucção do Curriculum Escolar*. Na segunda parte sob o título *Aspectos “Americanos de Educação”* Anísio trata especificamente das instituições e órgãos educacionais visitados mostrando-se mais analítico. A narrativa apresentada se organiza de modo a tornar visíveis as condições intelectuais e materiais do sucesso das escolas norte-americanas.

Inicialmente, esse relatório não tinha fins comerciais, ele foi distribuído gratuitamente pela Diretoria de Instrução Pública da Bahia às Escolas Normais e bibliotecas no intuito de apresentar o sistema de ensino norte-americano e as ideias

de educação e democracia do filósofo Dewey. Dessa forma, entendemos que a sua publicação tinha uma intencionalidade, produzido para um tipo de leitor específico, os professores e alunos da Escola Normal. Possivelmente, a intenção do diretor da instrução pública, Anísio Teixeira, era que os mestres e futuros mestres baianos entrassem em contato com as técnicas, os métodos e uma organização educacional considerada ideal, e, apropriando-se desse novo modelo, virem a praticá-lo de um modo parecido nas escolas da Bahia.

Narrativas e representações de um ideário educacional na escrita de viagem

Os conceitos sobre educação de Anísio Teixeira serão reformulados em suas viagens à Europa e aos Estados Unidos. Quando partiu ao Velho Mundo em 1925, o seu pensamento pedagógico refletia ainda a marca do aristocratismos haurido da sua formação intelectual jesuítica para o qual buscava, no sistema francês típico do dualismo classista, o ensino primário independente e isolado do secundário (Nunes, 2000).

Na Europa Anísio visita algumas instituições educativas francesas e belgas¹. Como Diretor Geral da Instrução Pública da Bahia e um via-

jante ávido por aprender, renovar seu conhecimento no campo que atuava, procura conhecer a educação estrangeira. Descreve a visita e trata dos programas, currículos, disciplinas, método e organização das escolas, porém, sem muito entusiasmo e surpresa. Não havia nesse momento, uma preocupação por parte de Anísio entre a prática pedagógica observada e a existência de uma concepção nova de modelo educacional que estava a se impor. Isso acontecerá somente por ocasião de sua visita aos sistemas educacionais norte-americanos em 1927.

É possível observar uma ambiguidade ou oscilação no pensamento educacional de Anísio quando em viagem aos Estados Unidos. Ele escreve no seu diário produzido a bordo, que considerava “um absurdo as famílias pobres não poderem no Brasil, oferecer uma educação católica aos seus filhos. E isto é uma questão séria e incontestável” (Teixeira, 1927). No entanto, não vai deixar de defender uma educação laica, republicana, e espera firmemente conhecê-la na prática no país considerado o modelo “ideal” de República. Segundo ele, “os moldes do seu pensamento sobre educação se moldaram na Europa. No entanto, hoje se aproximam vivamente dos americanos”(Teixeira, 1927).

Anísio e outros intelectuais de seu tempo acreditavam que a educação americana se apresentava como uma experiência inédita, surgida em contraposição ao velho continente europeu, em que os fins da educação tiveram sempre alvos marcados e rígidos. A educação americana, de

¹ No arquivo pessoal de Anísio encontram-se algumas cartas de recomendações que o autorizava a realizar as visitas. Por meio dos seus timbres é possível compreendermos quais tipos de escolas foram visitadas: “Prefecture de la Seine. Directeur de L’Enseignement Primaire”; “École Municipale dès Arts Appliqués a L’industrie” e “Gabinete du Ministre de L’Instruction Publique et dès Beaux Arts”. Sobre essas visitas Anísio produziu anotações das aulas observadas, metodologia, objetos didáticos, etc. que se encontram no seu arquivo, CPDOC, AT: pi 1924/270000.

acordo com Venancio Filho (1946), ao invés de ser tradicional, empírica e autocrática como era a europeia, pelas origens de sua formação histórica tornou-se experimental e democrática, não se estabelecendo diferenças entre uma cultura e educação para o povo e outra para a elite, havendo apenas diferença de intensidade ou extensão, além de que, apresentava-se cientificamente planejada.

Os quatro meses nos Estados Unidos mudaram a maneira de pensar de Anísio, pois ao regressar ao Brasil irá defender uma educação pública, gratuita e laica para todos. Não tinha porque a Igreja Católica administrar o ensino, isso era uma questão que somente cabia ao Estado. Depois de suas visitas às instituições educativas norte-americanas.

No seu relatório de observação das instituições educativas norte-americanas, Anísio apresenta sempre um discurso educacional positivo. As palavras-chave do mesmo são democracia, renovação, mudança, modernidade, eficiência, inovação, criatividade, socialização, técnica, industrialização. Observamos assim, uma retórica da perfeição. Segundo Anísio a vida americana é “essencialmente *dinamyca*, não de um dinamismo verbal tão a gosto de certa retórica modernista, mas de um dinamismo consciente e voluntario, produzido por uma força visível e formidável – a indústria” (Teixeira, 1928, p. 54).

Esse pensamento de Anísio Teixeira reflete o ideário liberal, que nas décadas de 1910 e 1920

entendiam o sentido educativo como representação, justiça, cientificidade e técnica. Assim, pela via da educação teria sido buscada a consolidação dos ideais da democracia representativa e da industrialização (Nagle, 1976). Dessa forma, o relatório apresenta um modelo educacional, que estava se desenvolvendo por meio da democracia, da técnica e da ciência. A América do Norte, nessa representação é convertida em ícone da modernidade pedagógica pela gratuidade, obrigatoriedade, secularização e higienização do ensino; palco de realizações espetaculares na área da educação, signo do progresso.

No seu relatório Anísio descreve as características físicas, a organização escolar/ensino, os programas/currículos e os métodos de ensino/metodologia das instituições educativas americanas. O ambiente físico educacional é apresentado por vastos edifícios, instalações adequadas, oficinas para trabalhos (manuais, agrícola, mecânica e elétrica), ginásio amplo, banheiros com as devidas instalações sanitárias, oficinas de cozinha e costura, refeitório amplo e acomodativo, salas de aulas amplas, gabinetes de química e física, laboratórios de ciências e história natural, bibliotecas em excelentes condições de uso. Os programas dos cursos são flexíveis, permitindo uma adaptação às diferentes exigências e necessidades. Os métodos de ensino envolveram de simples memorização de livros à participação ativa dos alunos. O professor procura despertar uma livre e independente atividade com as crianças. Problemas e fontes de informações são oferecidos aos alunos, que buscam resolvê-los

pensando por si mesmo, outras vezes grupos trabalham em conjunto para solucionarem problemas mais complexos.

Esse novo projeto de educação exigia uma formação adequada e diferenciada para os professores. Se a escola se transformava, era necessário também transformar o professor, “produzir-lhe” uma nova identidade (Martin Lawn, 2000, p. 70). O antigo professor sem formação qualificada não condizia com a realidade de uma sociedade desenvolvida por meio da técnica, da ciência. Além da formação exigida do professor, era preciso uma mudança na sua postura. Ele não deveria tomar as decisões da vida escolar, entregar tudo pronto aos alunos, mas auxiliá-los, pois estes são os maiores responsáveis pelo seu processo de ensino-aprendizagem. Um projeto educacional diferenciado volta-se para o sujeito, entendendo que ele precisa ser independente e pensar por si mesmo.

Das suas visitas às escolas americanas, Anísio entrou em contato com um modelo educacional considerado diferente do europeu e brasileiro. Conheceu escolas de diversificadas modalidades educativas. Isso permitiu ao viajante o artifício da comparação. A busca por modelos educacionais em países estrangeiros seguiu em parte uma perspectiva de educação comparada. Conforme Nóvoa (2000) a comparação se dava na maioria das vezes de forma dicotômica: cultura inferior e superior, países civilizados e não civilizados, educação modelar e não modelar, sociedade desenvolvida e não desenvolvida, etc.

Anísio considerava a educação europeia e a brasileira como arcaicas e atrasadas e a americana como moderna e referencial. A sua narrativa opera no sentido de selecionar os modelos educacionais a imitar ou recusar, posto que pertencia, de acordo com Nóvoa (2000) a uma determinada tradição da produção histórica em educação comparada, ancorada no paradigma do Estado Nacional como matriz, no qual os ditos países civilizados apareciam como uma espécie de espelho dos contrários, onde se refletiam imagens híbridas, complexas e ambíguas dos países ditos não civilizados.

O modelo educacional norte-americano para Anísio era o melhor. Havia um plano nacional, estadual e municipal de educação. As instalações, os espaços, as condições higiênicas dos prédios escolares eram excelentes. Assim, os quesitos materiais e organizativos eram critérios que deixavam o modelo de educação americano à frente do europeu e brasileiro. O que também chama atenção nas escolas americanas é as suas características arquitetônicas: espaços amplos, abertos, seus belos jardins, *hall* de entrada, salas de aulas ventiladas, espaçosas, prédios econômicos e práticos, diferentes do aspecto monumental dos prédios escolares europeus e alguns brasileiros. Para Anísio o modelo a seguir seria o americano por dispor de uma ampla, adequada, eficiente e moderna rede de escolas, e isso constituía uma das condições principais para que a renovação educacional na Europa e no Brasil fosse possível.

A institucionalização da educação de massas nos Estados Unidos rompe definitivamente com o modelo de educação clássica, voltado somente à elite, com um currículo exclusivamente humanista. O objetivo da educação americana era formar um sujeito voltado para o trabalho e a indústria, especializado e não mais o homem de letras. O novo padrão de escola estava relacionado a estas ideias. Era proclamada então uma educação que associasse pensamento e prática. Essa escola diferenciada, segundo Buendía (2000), surgiu como um imperativo sociopolítico e econômico, decorrentes das grandes transformações ocorridas nos sistemas produtivos, na organização e gestão políticas do mundo ocidental. Esse modelo escolar é aclamado como instituição referencial, modelar e especializada para atender novas demandas provocadas pelas mudanças sociais.

Nascido e consolidado no mundo europeu, o novo padrão escolar “adquiriu “características universais” e se impôs como fator decisivo das regulações culturais e econômicas presentes na cena internacional” (Houssaye, 2007, p. 302). Atravessou fronteiras na criação, expansão e consolidação dos sistemas públicos de ensino, num processo de difusão mundial e de uma *cultura escolar* histórica e socialmente construída (Julia, 2001). Dessa forma, o discurso pedagógico veiculado no relatório de Anísio caracteriza-se pela valorização desse novo paradigma – de uma nova pedagogia, de um modelo escolar diferenciado, de professores e alunos.

Elementos da educação estrangeira em Anísio Teixeira

Anísio não somente conheceu por leituras ou por narrativas de outras pessoas, que haviam viajado a países estrangeiros, um outro modelo de educação; ele teve a oportunidade de presenciar outras experiências educacionais, especialmente a norte-americana. Isso lhe permitiu contar ou provar o visto, ouvido e o vivido (Viñao, 2000), concedendo-lhe um lugar de destaque no campo educacional. Ele presenciara na América um modelo de educação, que para a época era considerado referencial e modelar.

Silva (2005) observa que a transmissão de ideias abriu a possibilidade da invenção e da renovação porque, ao serem comunicados, os saberes dispersaram-se, multiplicaram-se, confundiram-se, numa pluralidade infinita de sentidos. Dessa forma, a troca das informações não foi um movimento de colheita, cópia e sim de transporte, de comunicação. Os conhecimentos educacionais estrangeiros foram traduzidos nas mais diversas partes do mundo. Eles serviram mais como inspiração do que propriamente cópia. Em cada lugar e contexto tiveram a sua própria forma de recepção e ressignificação.

Para Schriewer (2001), no interior de cada país, a análise dos desenvolvimentos educacionais estrangeiros é entendida como um componente indispensável de discussão da política educativa, e, ainda, os critérios de seleção e as linhas de abordagem analítica acordam-se com as questões sociais e culturais. As descrições da alteri-

dade cultural levada a cabo nesta perspectiva são convertidas em formas de processar e apropriar comunicativamente modelos, de acordo com as necessidades de legitimação e de tomada de decisão de cada país. Os saberes e projetos educacionais referenciais foram apropriados pelos educadores, desmontados e depois incorporados nos seus discursos e ações de acordo com as intenções e as estratégias particulares de cada local, acabando por configurar discursos híbridos sobre a escola, modelos e práticas educativas.

Anísio Teixeira não se apropriou na íntegra de um modelo educacional estrangeiro, mas sim se apropriou daquilo que era funcional e pragmático nesse modelo. Ele se aproveitou de elementos nos quais acreditava poder ajudar a desenvolver ou melhorar a educação brasileira. Compreendemos que nunca se transfere um modelo, mas sim alguns de seus elementos.

Os limites que nos impõem este texto, explicaremos para título de exemplo três experiências educativas –evidentemente que há muitas outras– que foram comentadas por Anísio Teixeira no seu relatório de viagem e colocadas em prática –todavia apresentando diferenças na forma de apropriação– no projeto educacional desenvolvido na sua gestão do ensino no Rio de Janeiro (1931-1935) e na Bahia (1947). São as experiências das escolas experimentais, *self-government* e as associações (Clubes de Estudantes e a Associação de Pais e Mestres).

Inspirado nas escolas comunitárias norte-a-

mericanas e na escola em Detroit, cujo sistema era o *Platoon*, Anísio realizou em escolas do Rio de Janeiro e da Bahia experiências semelhantes e ressignificadas. Nos Estados Unidos, a jornada escolar era de cinco horas diárias, no Brasil passou a ter sete ou oito. E ainda tinha um caráter sócio-educativa, como a Escola Parque fundada em 1950 em Salvador, que cuidando desde a higiene e saúde da criança até a sua preparação para a cidadania. Além de integral, pública, laica e obrigatória, ela deveria ser municipalizada, para atender aos interesses de cada comunidade.

Essa experiência educativa avaliadora de métodos e técnicas foram bem marcantes no Rio de Janeiro. O projeto de escola-comunidade foi implantado na escola Bárbara Othoni, o sistema *Platoon* nas escolas Argentina, México e Estados Unidos e o método de Dalton na escola Manoel Bonfim.

Algumas instituições educacionais norte-americanas, como o Instituto de Hampton desenvolviam um modelo de gestão no qual os alunos eram os seus responsáveis, ou seja, o *self-government*. De acordo com Anísio o objetivo do *self-government* “é promover a unidade e lealdade ao instituto e dar aos alunos hábitos de direção e governo de si mesmos” (Teixeira, 1928, p. 129). Diz ainda que dessa experiência participam todos os estudantes e é deliberado por um conselho de 26 membros. Para organizar um trabalho criativo, desenvolvido de forma coletiva, Anísio tentou por em prática a experiência do *self-government* na sua gestão no antigo Distrito Federal.

Outra experiência valorizada nas escolas norte-americanas, que Anísio pôs em prática quando estava na direção da educação foi a Associação ou Clube dos Estudantes, cujo propósito era promover jogos desportivos, atividades intelectuais, reuniões, festividades, conselhos estudantis. Em visita à escola secundária em Cleveland, segundo Anísio, esta instituição, além de um conselho de estudantes, que fiscaliza e exerce vigilância sobre a disciplina colegial e desempenha todo o serviço de polícia e tráfico no edifício, conta com 46 diferentes clubes dirigidos pelos estudantes.

Essa experiência pode ser vista no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. De acordo com Nunes (1996), a associação de estudantes da Escola de Professores gerou a criação do Clube Desportivo, que promovia festas, sessões de cinema, atividades esportivas e contava com o estímulo e apoio de professores como Edgard Sussekind de Mendonça, do diretor da Escola Secundária, professor Mário de Brito, e do diretor do próprio Instituto, Lourenço Filho. Essas associações e clubes escolares são pontos importantes na formulação da educação integral que se queria criar na escola. Sob a responsabilidade dos próprios alunos, tinha como objetivo desenvolver-lhes a iniciativa, o espírito participativo, a integração e prepará-los para a vida em sociedade.

A vida escolar na América, segundo Anísio, não se resumia somente de programas e lições, mas tinha todo um aparato de associações que a tornava mais rica e democrática, onde também, além dos alunos, professores, funcionários, par-

ticipavam os pais. E é assim que Anísio mostra-se entusiasmado com a Associação de Pais e Mestres. Essa associação existe em todas as escolas da América auxiliando o serviço público de ensino. Cada escola tem a sua Associação e está consolidada em dois Conselhos Gerais –um para as escolas de brancos e outro para as escolas de negros. A criança e o adolescente para Anísio eram vistos como elementos de ligação entre a escola e a família, desse modo era necessário estreitar esta comunicação, pela criação, difusão e efetivação da Associação de Pais e Mestres nas escolas brasileiras, fosse as de periferias, urbanas ou rurais.

A escola se transformava, abria as suas portas, não era mais uma escola fechada, centrada em si mesma. Era a escola da diversidade, que se expandia, e, portanto, convidava novos atores sociais a adentrá-la. Para isso foram criadas muitas associações, dentre as quais está a de Pais e Mestres. Os dados estatísticos do Ministério da Educação e Saúde, segundo Nunes (1996) mostram que em 1933 o Distrito Federal possuía 98 clubes de leitura, 20 clubes desportivos, 19 obras de escotismo, sete ligas da bondade e 88 associações de pais e mestres.

Considerações finais

Uma viagem é experiência positiva, uma vez que habilita os sujeitos a fazer comparações baseados na multiplicidade e na diversidade das informações adquiridas, pois o viajante sempre compara o inédito com aquilo que já conhece. Assim, foi possível a Anísio nas suas observa-

ções e estudo em outros países, comparar modelos educacionais e procurar pôr em prática aquele considerado o mais eficiente. Da viagem realizada ao Novo Mundo voltou não só com uma boa dose de encantamento, mas também com projetos de pôr em prática no Brasil um modelo de educação “ideal”. Longe de uma assimilação acrítica de ideias sem lugar na realidade educativa, Anísio serviu-se desse referencial estrangeiro para realizar uma grande reforma da instrução pública, especialmente no Rio de Janeiro do período de 1931 a 1935. Essas ideias consideradas inovadoras e modernas atravessaram o Atlântico e encontraram um novo caminho na experiência brasileira.

A partir de seus estudos e conhecimentos *in loco* de uma experiência educacional estrangeira foi possível a Anísio colaborar para estruturar a educação de seu país. Ele se valeu desse modelo promovendo alguns dos seus pressupostos, eliminando ou omitindo outros. Procurou repensá-lo em função de uma nova experiência. Para Anísio tudo deveria ser revisto e aprimorado, pois nada era perfeito e definitivo. Assim, ele não foi um mero copiador de ideias e teorias, mas, apropriando-se delas foi possível por em prática um projeto educativo levando em conta a realidade educacional, social e política brasileira.

Não se tratou de uma pura e simples transposição daquilo que Anísio apreendeu em suas observações e estudos. Ele era por demais sensí-

vel e criativo para deixar de perceber que as tentativas de cópia são sempre desastrosas. Assim, à luz da experiência americana de educação, Anísio pode adaptá-la à realidade educacional de seu país. Sempre em vista às questões políticas, sociais e culturais; o seu trabalho resultou em uma maneira de utilizar, apropriar e reconfigurar sistemas desejados de escolarização.

Depois de suas viagens, a sua trajetória não seria mais a mesma. Anísio teve a oportunidade de atuar mais intensamente na área político-educacional por razões do conhecimento *in loco* adquirido em outros países, lhe permitindo um lugar de prestígio, autoridade e legitimação no campo educacional.

Como intelectual, educador, escritor, administrador ou gestor ele pôs em prática uma série de iniciativas no intuito de apresentar, fazer circular e estabelecer os princípios da Escola Nova, base da pedagogia conhecida nas escolas americanas. Uma dessas primeiras iniciativas foi a publicação do seu relatório das visitas às instituições educativas norte-americanas. Para Carvalho (2007, p. 278) “relatar a viagem e dar publicidade ao relato são práticas indissociáveis na realização de objetivos comuns: propagar ideias, promover aproximações, difundir iniciativas”.

Fontes

Teixeira, A. (1925). *Anotações de viagem à Europa*. Lisboa, 54 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

- Teixeira, A. (1927). *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 50 p. Atipi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CP-DOC.
- Teixeira, A. (1928). *Aspectos americanos de educação*. Salvador: Tip. São Francisco.
- Referência**
- Buendía, M. (2000). Modelos de escola na história de Moçambique. In Nóvoa, A. e Schriewer, J. (Eds.), *A difusão mundial da escola* (pp. 151-155). Lisboa: Educa.
- Carvalho, M. M. Chagas de (2007). A bordo do navio, lendo notícias do Brasil: o relato de viagem de Adolphe Ferrière. In Mignot, A. C. V. e Gondra, J. (orgs), *Viagens pedagógicas* (pp. 277-293). São Paulo: Cortez.
- (2003). Anísio Teixeira: itinerários. In *A Escola e a república e outros ensaios* (pp. 165-193). Bragança Paulista: EDUSF.
- Chauí, M. (1982). *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Moderna.
- Houssaye, J. (2007). Pedagogias: importação-exportação. In Mignot, A. C. V. e Gondra, J. G. (orgs), *Viagens pedagógicas* (pp. 294-314). São Paulo: Cortez.
- Julia, D. (2001). A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, 1, jan./jun., 9-43.
- Lawn, M. (2000). Os professores e a fabricação de identidades. In Nóvoa, A. e Schriewer, J. (Eds.), *A difusão mundial da escola* (pp. 69-84). Lisboa: Educa.
- Mignot, A. C. V. e Gondra, J. (2007). *Viagens pedagógicas* (orgs). São Paulo: Cortez.
- (2007). Viagens de educadores e circulação de modelos pedagógicos. In *Viagens pedagógicas*. Mignot, A. C. V. e Gondra, J. G. (orgs), *Viagens pedagógicas* (pp. 39-64). São Paulo: Cortez.
- (2006). A descoberta da América. In Nunes, C. (org.), *Aspectos americanos de educação & Anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927* (pp. 9-24). Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Nagle, J. (1976). *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar.
- Nóvoa, A (2000). Tempos da escola no espaço Portugal-Brasil-Moçambique: dez digressões sobre um programa de investigação. In: Nóvoa, A. e Schriewer, J. (Eds.), *A difusão mundial da escola* (pp. 121-142). Lisboa: Educa.
- e Schriewer, J. (Eds.) (2000). *A difusão mundial da escola*. Lisboa: Educa.
- Nunes, C. (2000). *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Bragança Paulista: EDUSF.
- (1996). Cultura escolar, modernidade pedagógica e política educacional no espaço urbano carioca. In Herschmann, M., Kropf, S. e Nunes, C. *Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no RJ-1870/1973* (pp. 155-224). 10ª ed. Rio de Janeiro: Diadorim.

- Schriewer, J. (2001). Formas de externalização no conhecimento educacional. Lisboa: EDUCA.
- Silva, V. B. (2005). *Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970)*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Teixeira, A. (1994). *Educação não é privilégio*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Venancio Filho, F. (1946). Contribuição norte-americana à educação no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, IX(25), 229-266, Rio de Janeiro.
- Viñao, A. (2000). Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. *Revista Teias*, Vol 1, 82-95. UERJ, Rio de Janeiro.
- (2007). Viajes que educan. In Mignot, A. C. V. e Gondra, J. (orgs), *Viagens pedagógicas* (pp. 15-38). São Paulo: Cortez.